

DIVERSIDADE AFRO- RELIGIOSA NO MARANHÃO

As pessoas geralmente não falam muito sobre o universo da fé, mas é difícil pensar o Maranhão ou mesmo o Brasil sem levar em consideração suas referências espirituais. Sejam deuses, anjos, demônios, santos, almas penadas, almas milagrosas ou encantados.

O Maranhão está inserido em um universo de misticismos e encantarias de origens africanas ou afro-brasileiras, que podem se materializar de diferentes formas. A antropóloga maranhense Mundicarmo Ferretti (2008) aponta que o termo *religião afro-brasileira* designa uma pluralidade de manifestações religiosas organizadas geralmente bem antes da abolição, por africanos e seus descendentes, onde são cultuados e entram em transe com entidades espirituais das etnias jeje, nagô e bantos, com os voduns, orixás ou inquices respectivamente. O transe com essas entidades ocorre normalmente em rituais realizados com tambores e cânticos nos terreiros, também chamados de casas de culto.

Em São Luís é mais comum a Pajelança e o Tambor de Mina, mas no interior do Estado essas expressões recebem classificações diversas, como Badé, Berequete, Pajelança, Jirumga, Panguará, Iemanjá, Baía, Terecô, Cura, Brinquedo de Cura ou simplesmente Brinquedo, dentre outras, mas a linha que divide essa diversidade pode ser muito tênue.

O estado é conhecido como principal centro de preservação da cultura dita Mina do Brasil, sendo dividida em duas linhas principais, Jeje e Nagô, sendo a maioria dos terreiros de mina praticante do modelo da Casa de Nagô- Nagô, embora a vertente vista como mais tradicional e “pura” seja o modelo da Casa das Minas – Jêje. Segundo consta as pesquisas, elas são as mais antigas do estado, ambas localizadas no centro da cidade, Rua São Pantaleão e Cândido Ribeiro ou das Crioula respectivamente.

A Casa das Minas pertence à entidade Zomadonu (que é um vodum, entidade vinda da África) e a Casa de Nagô pertencente ao orixá Xangô. “Acredita-se que a Casa de nagô

A Casa das Minas é o terceiro do Livro de Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) sendo tombada em 2002 ao lado do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho Ilê Axé Iyá Nassô Oká, tombado em 1987, e do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em 1999, ambos de Salvador (BA).

tenha sido erguida na mesma época que a casa das Minas, mas não se sabe ao certo qual das duas foi fundada primeiro. A tradição diz que as fundadoras da casa foram duas africanas, Josefa e Joana.” (FERRETTI, 2002, p. 14). O que se sabe é que foram abertas em meados do século XIX por africanas.



O termo *tambor de mina* deriva de denominação dada no Brasil a escravos sudaneses de diversas etnias, embarcados no forte português de São Jorge Del Mina, na Costa do Ouro, atual Gana. E é o que deu abertura para as outras denominações existentes no estado. Na imagem ao lado temos Dona Denir Prata Jardim, última chefe da Casa das Minas, faleceu em 2015. A fotografia compõe o acervo imagético disponível no site do Museu afrodigital do

Maranhão.

Imagem: Dona Denir Prata Jardim, última chefe da Casa das Minas, faleceu em 2015

Fonte: Museu afrodigital do Maranhão

Uma das variantes afro-religiosa no Maranhão é a pajelança/tambor de cura/ pajelança de negro/ Brinquedo de Santa Bárbara/ *pajé*, comum em alguns municípios, sobretudo, baixada maranhense, em municípios como Cururupu, Mirinzal, Pinheiro, Serrano, Porto rico, Central, Cedral e outros. Essa vertente é também conhecida no Amazonas, embora com características peculiares, chamada também de encantaria ou pajelança de caboclo rural e indígena.



Imagem: Terreiro de pajelança/ Bacuri do Maranhão

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem: Terreiro Ylê de Oxalá/Serrano do Maranhão
 Fonte: arquivo pessoal



Imagem: ponto de assentamento/ Terreiro Ylê de Oxalá /Serrano do Maranhão
 Fonte: arquivo pessoal

Seus praticantes são geralmente chamados de pajé, curador ou curandeiro. Talvez a maior peculiaridade ou diferenciação das outras vertentes afro-maranhense é que na pajelança depois de incorporarem as entidades, os curandeiros costumam se afastar do barracão para realizar algumas consultas e, nessa oportunidade fazem uso frequente de

estratégias usadas pelos pajés indígenas. A imagem acima mostra um maracá, muito utilizado pelos pajés nos rituais de cura. A imagem foi capturada em um terreiro de pajelança no município de Bacuri do Maranhão e compõe a decoração do espaço.

Uma entidade muito conhecida na pajelança é o Rei Sebastião, que habita em várias praias de ilhas existentes ao longo do litoral entre Belém e São Luís, é entidade comum em cultos de pajelança e de origem africana tanto no Pará como no Maranhão.



Outra variante é o Terecô, “tal prática é conhecida como festa do tambor da mata, brincadeira, brinquedo de Barba, encantaria de Barba Soeiro, verequete ou berequete. Apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, a identidade do terecô é mais afirmada em

relação à cultura banto (angola, cambinda).” (FERRETTI, M. 2003, p.1).

Imagem: Filha de santo- festa da Roupã Nova- Bacabal/MA
Fonte: Arquivo pessoal

Como aponta AHLERT (2013) essa vertente é tradicional do município de Codó, mas acabou se difundindo, sobretudo, nas regiões centrais do Maranhão, comum em Caxias, Bacabal, São Mateus, Pedreiras, São Luís Gonzaga, Coroatá, Alto Alegre do Maranhão e em outros estados da Federação do Brasil como Pará e Amazonas. A imagem acima mostra uma filha de santo, em transe, do terreiro de Dona Roxa, município de Bacabal.



Imagem: Terreiro do seu Folha seca-Bacabal-MA
Fonte: Arquivo pessoal

Muitas vezes essa vertente religiosa é confundida com a *umbanda* ou com a *mina*, acredita-se que o *terecô* possui traços que apontam para uma origem africana diferente das que predominaram na *mina*. Seus praticantes são chamados de terecozeiros, macumbeiros, umbandistas, ou doutores do mato. “Afirma-se que nesses trabalhos e práticas terapêuticas os terecozeiros associam à sabedoria herdada de velhos africanos conhecimentos indígenas, práticas do catimbó e da feitiçaria europeia e que também se apoiam no tambor-de-mina, na umbanda e na quimbanda.” (FERRETTI, M. 2001, p.6)



Imagem: Dia de roupa nova/ terreiro de Seu Folha Seca/BACABAL-MA
Fonte: Arquivo pessoal

Uma característica marcante são as vestimentas mais exuberantes e coloridas que as demais vertentes no estado, além da predominância de homens a frente das casas. De acordo com Fladney Freire (2016), pesquisador e membro dessa vertente religiosa, na ocasião das festas, cantos e louvações são entoados aos santos e orixás, vestimentas e indumentárias que são cuidadosamente elaboradas pelos sujeitos e grupos para reverenciar o mundo dos caboclos e dos orixás, Léguas, princesas, exus e tantas outras expressões da vida espiritual que acabam fazendo parte do mundo dos homens, mulheres e crianças que se conectam, em uma só realidade, um enredo de fé e devoção, de festa e cura.

Na imagem abaixo temos o pai de santo/terecozeiro mais conhecido do Maranhão, o pai Bitá do Barão, natural do município de Codó. A fotografia foi capturada pelo fotógrafo maranhense Márcio Vasconcelos e faz parte do acervo do Museu Afro



digital do Maranhão.

Imagem: Pai de santo Bitá do Barão

Fonte: Museu afrodigital do Maranhão

A Umbanda e o candomblé também são comuns no Maranhão, Ferretti M (2008) aponta que mesmo a integração ocorrida entre a mina, o terecô e cura ter sido responsável pelo surgimento no Maranhão de formas híbridas de religião afro-brasileira

em terreiros que se tornaram mais conhecidos como de “curador” ou “da mata”. Aquelas tradições religiosas maranhenses foram também sincretizadas com a macumba do Rio de Janeiro e, mais recentemente, com a umbanda, a quimbanda e o candomblé.

Mas a umbanda maranhense apresenta tantas características da mina, do terecô e da cura que nem sempre é facilmente reconhecida por umbandistas do Centro-Sul. A imagem ao lado representa umas guias e foi capturada no município de Mirinzal, baixada maranhense.



Imagem: Guias/ Mirinzal-MA

Fonte: Arquivo pessoal

Os terreiros maranhenses passaram a adotar mais a denominação umbanda após o surgimento da Federação de Umbanda e Cultos Afros do Maranhão, fundada por José Cupertino de Araújo, da década de 1960. A partir de então as casas de culto tiveram que se filiar a essa federação como forma de se legitimar o que justifica, sobretudo, nos municípios o uso comum de termos como “tenda de umbanda tal”, “casa de umbanda tal”.

Quanto ao candomblé, não é muito comum em São Luís, embora seja realizado na Casa Fanti-Ashanti desde a década de 1950, e tenha certa influência em alguns outros terreiros do interior.

Indicação de filme

SAI DESSA, EXU!, de Roberto Moura (curta-metragem/documentário/18')

O filme apresenta o funcionamento de um centro umbandista, as diferenças entre Umbanda e Macumba, a diversidade dos tipos sociais entre os adeptos e frequentadores. Além de mostrar o surgimento das federações, das leis que dão liberdade de culto e as fiscalizações aos centros.

INDICAÇÃO DE MÚSICA

- **Ponto br – na eira**

Ponto br é um coletivo formado por músicos contemporâneos e mestres da cultura tradicional, que propõe o espaço da arte como local de encontro e diálogo possíveis entre vertentes e gerações, revelando uma outra via para o fazer artístico. Experimentando saberes e sonoridades, o show na eira tem como resultado uma sonoridade única e atemporal. Com Ponto br e Burrinha de Porto Novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). 2013. 282 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ARAÚJO, Raimundo Inácio Souza. **O reino do encruzo**: práticas de pajelança e outras histórias do município de Pinheiro – MA (1946-1988), Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

FERRETI, Mundicarmo (org). **A mina maranhense, seu desenvolvimento e suas relações com outras tradições afro-brasileiras**. Publicado em MAUÉS, R. e VILLACORTA, G. Pajelança e religiões afro-brasileiras. Belém: EDUFPA, 2008.

_____. Terecô, a Linha de Codó. In.: PRANDI, Reginaldo (org.) **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. PALLAS: Rio de Janeiro, 2001a. _____. 2003

FERRETI, Sergio. **Andressa e Dudu – os Jeje e os Nagô**: apogeu e declínio de duas casas fundadoras do tambor de mina maranhense. In.: SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.) Caminhos da Alma. São Paulo: Summus, 2002.

FERRETTI, S. F. Repensando o sincretismo. São Paulo: Edusp: Fapema, 1995.

FERRETTI, S. F. Querehentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas. 2. ed. São Luís: Edufma, 1996.

FREIRE, F. F. S. **TEMPO DA ROUPA NOVA: BELEZA E PODER NO TERCÔ DE BACABAL(MA)**. In: 30º Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. Políticas da Antropologia: Ética, Diversidade e Conflitos, 2016.

_____. SANTOS, Reinilda O. **Nas trilhas de Xangô**: Em tempos de roupa nova. <http://www.museuafro.ufma.br/site/index.php/nas-trilhas-de-xango-em-tempos-de-roupa-nova/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2018.